

Passos Manuel, Almeida Garrett,
Alexandre Herculano e José Estevão de Magalhães
por Columbano Bordalo Pinheiro [pormenor].
Óleo sobre tela concluído em 1926.
Passos Perdidos, Assembleia da República.
Fotografia de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra.

Almeida Garrett

um quase retrato

A n t ó n i o A l m e i d a S a n t o s

EVOCAMOS HOJE O BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO de Almeida Garrett, porventura o cidadão português que, depois de Camões, mais gasto deu ao qualificativo de génio.

Não raras vezes, foi entre nós apodado de génio quem esteve longe de o ser. Não é esse o caso de Almeida Garrett. Muitos dos que do talento quinhoaram, como Herculano, Oliveira Martins, Camilo, Teófilo Braga e Ramalho Ortigão, convergem na genial criatividade do político, do dramaturgo, do poeta, do romancista, do orador parlamentar e até do jornalista, que Garrett cumulativamente foi.

Oliveira Martins considerou-o «*o maior poeta e o maior artista que tivemos depois de Camões*». Camilo qualificou-o de «*Luís de Camões romântico*», a propósito do seu poema em verso branco sobre o épico que Camilo rotulou de «*incomparável maravilha literária*». E considerou-o o maior orador parlamentar de sempre, sem excepcionar o próprio José Estevão de Magalhães, seu também imortal contemporâneo nos cadeirais de S. Bento. Teófilo Braga considerou-o o fundador do teatro português, de que Gil Vicente teria sido apenas o grande precursor. E opina que, no *Frei Luís de Sousa*, «*a Pátria se encarna no verbo do mais poderoso génio depois de Camões...*».

Alexandre Herculano, tão parco em elogios, foi seu sincero admirador. Quando, já no fim da vida, Garrett escreveu as *Folhas Caídas* – livro de versos verdadeiramente inovador e irreverente para com os cânones literários do tempo – o grande historiador, ao lê-lo, terá exclamado: «*se Camões fizesse versos de amor na idade em que está Garrett, não era capaz de o igualar. São belíssimos! Aquele diabo não pode com o talento que Deus lhe deu*».

Menos generosos nas apreciações que dele fizeram, foram o truculento José Agostinho de Macedo – seu detractor de estimação – e António Feliciano de Castilho – o bombo da festa da célebre Questão Coimbrã –, que à falta de mais



consistentes razões o terá acusado de usar galicismos.

Garrett foi impiedoso: «*saberá essa gente que m... [com todas as letras] também é galicismo?*» É claro que se não ficou por aqui, e logo prescreveu a dieta alimentar que se imagina! Mas receio estar sendo irreverente de mais em razão do lugar aonde o sou.

Invoco apenas a apreciação dos maiores, que é vasta a galeria dos seus encomiásticos biógrafos, à cabeça dos quais figura Gomes de Amorim, que viveu em permanente adoração de Garrett e consagrou os últimos anos da sua vida a coligir e escrever a sua mais completa biografia. Outros, além dele, como o Embaixador Calvet de Magalhães. A estes em particular me arrimo no quase retrato de Garrett que a seguir esboço.

É frequente a invocação de Camões como termo de comparação para aquilatar do génio de Almeida Garrett. Tão apenas isso basta para lhe assegurar um lugar no *podium* dos mais geniais escritores portugueses. Terá decerto contribuído para isso o facto de ter escrito com tão singular talento a romanceada biografia poética do grande épico, segundo modelo literário que ele próprio situou «*fora das regras*», de tal modo que – afirmou – «*se pelos princípios clássicos o quisessem julgar, não encontrarão aí senão irregularidades e defeitos*». Nesse tempo, Garrett dizia de si próprio não ser «*nem clássico nem romântico*». A verdade é antes que, excepcionando o período puramente arcádico dos seus primeiros escritos, nomeadamente os do tempo de estudante de Coimbra (até este mérito teve!...), ele foi o verdadeiro introdutor do romantismo em Portugal, e foi em direcção a ele que a sua obra permanentemente viajou. O que ele admitia como defeitos dessa obra monumental, eram apenas a expressão da novidade que nela sem defeito havia.

Questão diversa é saber até que ponto ele teve consciência disso. Chegou a considerar o



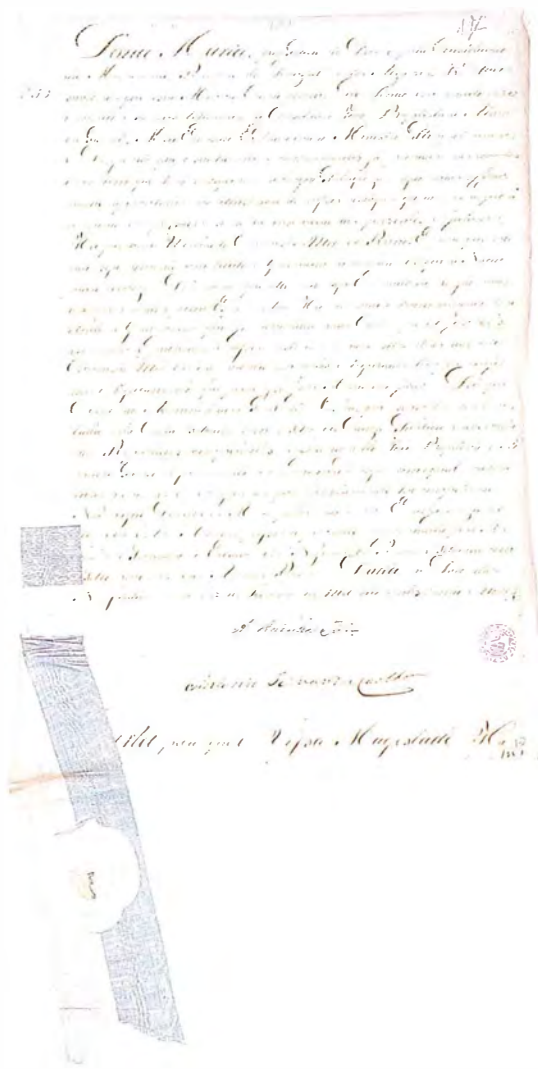
Retrato de Francisco Gomes de Amorim, amigo e biógrafo de Almeida Garrett, que consagrou os últimos anos da sua vida a coligir e a escrever a sua mais completa biografia. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.

romantismo um «*andaço das bexigas*», que nunca teria saído da Península. O que, segundo ele, antes não havia, era «*a vacina, como a prepararam Goethe e Scott; essa é que não havia; e creio que fui eu que a introduzi*». Encomendome uma vez mais ao grande Herculano. Qualificou-o ele de «*grande reformador da literatura portuguesa e o verdadeiro introdutor do romantismo em Portugal*». E bem sabemos que Herculano foi também atacado pelo tal «*andaço das bexigas*».

No *Camões*, Garrett absorveu muito da luz que vinha do épico. Inclusive na formulação da sua ainda epopeica forma de ver-se. Serve de exemplo esta descrição do Gigante Adamastor:

*As iras lhe arrotei, ouvi sem medo
Os amarelos dentes a ranger-lhe.
Por entre os furacões de atra porcela,
Vi a esquálida barba de despeito
Arrepelar-se, e a cor terrena e pálida
Ao clarão dos relâmpagos luzir-lhe
De sanguinosa cólera inflamada.*

Carta de nomeação de Par do Reino.
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
Fotografia de Isabel Rochinha.



Os elogios aos múltiplos talentos de Almeida Garrett surgem quase sempre acompanhados de um compreensivo sublinhado dos seus pessoais defeitos. Que defeitos eram esses?

Desde logo um incomensurável pendor para o auto-elogio. À vaidade física, essa incontornável, Garrett juntava uma despejada vaidade intelectual. Redigia, como se não fossem da sua autoria, as suas próprias referências bio-

gráficas. Mas era gato escondido com o rabo de fora. O verdadeiro talento literário é por regra inocultável. Inculcava-se «descendente de uma nobre família irlandesa», apesar de oriundo de uma aliás honrada família pequeno-burguesa. Em requerimento ao Ministro do Reino, fiel à obsessão de se nobilitar, intitulou-se, sem o ser, «fidalgo da casa real». Nos seus cartões de visita fez inscrever «Le Chevalier De Almeida Garrett».

Mas, quando por qualquer razão lhe convinha, também se auto-qualificava de «*simples homem de letras*», tendo escrito com desdém: «*seja todo o Mundo em Portugal feito barão, conde, visconde, grã-cruz, etc., que isso lhe não disputarei*».

A verdade é que disputou. E acabaria por aceitar o título de Visconde – que esteve longe de lhe ter sido imposto, antes objecto de repetidas diligências propiciatórias – além de condecorações várias, que lhe alegraram o outono da vida. A única que recusou foi por a não julgar ao nível da alta conta em que se tinha. Esta fraqueza era aliás bastante mais frequente do que hoje é, embora ainda hoje o seja! É conhecido o corrosivo aforismo, que fez época: «*Foge cão, que te fazem barão! / – Mas para onde, se me fazem visconde?*»

No auto-elogio sobre as suas intervenções parlamentares, sem favor notáveis, foi além de todos os limites. Atribuiu-se, por exemplo, «*o divino dom da eloquência*», e considerou o discurso que passou à história como do «Porto Pireu», «*o mais vigoroso e eloquente discurso pronunciado na tribuna portuguesa*». Ele conteria «*períodos que não envergonhariam a Demóstenes ou a Cícero*».

Noutra oportunidade escreveu sobre si mesmo, de novo ocultando a autoria: «*como obra literária é sem dúvida a oração moderna que mais faz lembrar as declamações clássicas da velha Atenas. Em muitos dos seus períodos, recorda os turbilhões de Demóstenes*».

Mas a fraqueza da vaidade física sobrepujava decerto esta outra vaidade. Garrett era o tipo acabado do *dandy*, do janota de gosto amaneirado. Usava chinó para ocultar um defeito na cabeça resultante da queda de um cavalo. Vestia com esmero chocante: acolchoava as ancas e as barrigas das pernas; à força de espartilhos, adelgaçava a cintura; usava casaca assertoada, calças de quadrados, camisas de seda, coletes de ramagens berrantes, gravatas a condizer; chapéu branco e monóculo de dar nas vistas, que não de ver; charuto *à la mode*, a rematar.

Assim, mais ou menos, o descreveu a Ramalhãl Figura – a seu modo também árbitro de elegâncias – que se não esqueceu de referir ainda os estojos de cosméticos da sua perfumaria, os seus utensílios de *toilette*, os cofres perfumados para as cartas de amor. Mas, a desfazer suspeitas que tais usanças sugerem, rematou o retrato

► Os poemas *D. Branca* e *Camões* apareceram um dia nas páginas da nossa história literária sem precedentes que os anunciassem, um representando a poesia nacional, o *romântico*; outro a moderna poesia sentimental do Norte, ainda que descobrindo às vezes o carácter meridional de seu autor. Não é para este lugar o exame dos méritos e deméritos destes dois poemas; mas o que devemos lembrar é que eles são para nós os primeiros e até agora os únicos monumentos de uma poesia mais liberal do que a de nossos maiores.

Alexandre Herculano «Qual é o estado da nossa Literatura? Qual é o trilho que ela hoje tem a seguir?», 1834, in *Opúsculos*, org., introd. e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia, Lisboa, Ed. Presença, vol. v, 1986, pp. 18-19.

descrevendo-o «*de chibata em punho para vergastar as orelhas do Velho Mundo Português, obrigando-o a abrir a primeira garrafa de champagne*». Acrescentou a isto um saborosíssimo comentário: «*Nós não éramos todos – disse – senão uns pobres velhotes; uns ginjas; uns ché-chés*».

Garrett tinha consciência do seu próprio ridículo. E não desconhecia, por certo, o anátema de Voltaire, quando formulou a sua famosa prece: «*– Senhor, tornai ridículos os meus inimigos*».

Ramalho escreveu a esse propósito: «*ridículo lhe chamaram pela quantidade dos pequenos defeitos que ele cultivava, e que eram, bem simplesmente, o reverso das suas qualidades encantadoras*».

Garrett, com todo o seu exibicionismo, e a sua permanente preocupação de «*ser em todas as circunstâncias o centro das atenções*», não fez com isso senão o que hoje se chamaria a publicidade das suas ideias revolucionárias de verdadeiro corifeu do liberalismo político (não confundir com o económico de hoje) de convicto iluminista, de apaixonado pela soberania popular, pela defesa da liberdade e do povo.

O remate da tragédia a que deu o nome de *Lucrécia*, na qual – já se o disse – desabrochou o seu génio de eleição, é bem a prova disso: «*viva-mos livres ou morramos homens*». Assim viveu e assim morreu, mesmo quando a heterodoxia dos seus escritos e da suas rebeldias lhe granjeou, por duas vezes, hospedagem no Limoeiro. O Dr. Mário Soares, que bem mais vezes por lá passou, dirá que amam mais a liberdade aqueles a quem os «Limoeiros» desse vasto Mundo privaram dela.

Foi assim contraditório: efeminado nos gestos, donairoso nos gestos, mentindo sobre a idade que tinha; em contraponto firme nas convicções, bravo na sua defesa, física, psicológica e intelectualmente corajoso. Teve sempre detrac-

Da Formação da Segunda Câmara dos Côrtes; Discursos Pronunciados pelo Deputado J.B. de Almeida Garrett. Lisboa, Imprensa Nacional, 1837. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.

DA FORMAÇÃO
DA
SEGUNDA CAMARA
DAS
CORTES;

DISCURSOS PRONUNCIADOS PELO DEPUTADO
J. B. DE ALMEIDA GARRETT,
NAS SESSÕES

DE 9 E 12 DE OUTUBRO DE 1837.

CORRECTOS PELO MESMO ORADOR A RÔGO DE SEUS AMIGOS,
E POR ELLES MANDADOS REIMPRIMIR.

Os povos da Europa libertos apenas da senhoriagem feudal, ahí téem ja outra prompta para os dominar e avexar. E que importa ao povo, que trabalha e sua e chora, que o seu trabalho seja devorado pelo duque ou pelo banqueiro; que o seu suor seja bebido pelo marquez ou pelo grande fabricante; que as suas lagrimas sejam escarnecidas pelo barão do alto do seu castello, ou pelo rebatedor de cima da sua burra?

Disc. I. pag. 20.



LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.

1837.

tores, a quem não deu descanso; teve sempre adversários, a quem não recusou combate; quando foi caso disso, applicou uns murros bem applicados; em extremo de causa bateu-se em duelo à pistola, a desafio seu, embora no momento da verdade o adversário tenha atirado para o ar, em convite a que Garrett o imitasse, o que cavalheirescamente fez.

E sobretudo, amou sempre muitas mulheres, que facilmente se rendiam à sedução dos seus galanteios encantatórios. Amava-as todas em cada uma. Tinha uma marcada predilecção pelas mais jovens, mesmo tendo em conta que o amor, e até o casamento precoce, eram frequentes nesse então. Separado da primeira e única esposa (nessa altura era vedado ter mais do que uma, ainda que sucessivamente) a qual lhe deu uma filha, que logo perdeu, não hesitou em coabitar com outra, igualmente jovem, que lhe deu duas filhas e um filho varão, só uma das filhas tendo conseguido sobreviver. Cedo falecida essa segunda companheira, refugiou-se em relações adúlteras que dificultaram e diferiram o seu acesso ao palácio real. Uma bela mulher casada inspirou-lhe as *Folhas Caídas* e deu vida e calor ao seu Outono.

Viria a morrer quase só, tal como Camões, seu modelo, reduzido às visitas de Gomes Amorim, de Herculano, da filha freira e poucos mais. Mas não pobre, como o épico. Ele próprio tinha restaurado, mobilado e decorado com requintado gosto (era dado ao bricabraque, como o também imortal Junqueira) a casa em que viveu a dolorosa espera da morte.

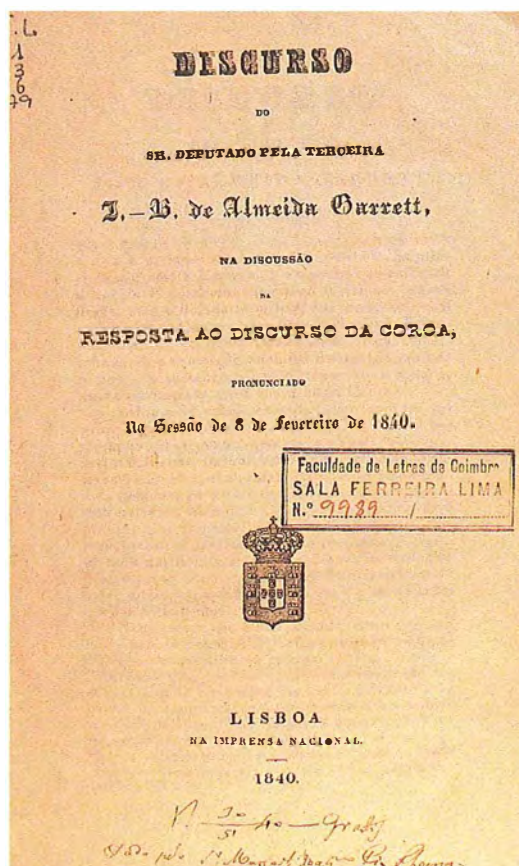
O que, porém, pretendo realçar, é que não são lícitas, nem foram tentadas, conclusões apressadas sobre a sua virilidade. Amaneirado seria. Mas femeeiro sempre! Chegou, em convívio com uma família inglesa de boa estirpe, a namorar ao mesmo tempo três encantadoras irmãs, com uma das quais se envolveu a sério. Este dado biográfico é por ele próprio reprodu-

zido nas *Viagens da Minha Terra*, atribuído à figura de Carlos – o tal que conquistou o amor da Joaninha dos olhos verdes – que nesse e porventura noutros relatos não é senão o próprio Garrett. E tinha ele, pela família, sido destinado a padre, tendo inclusive chegado a receber *prima tonsura*!... Sempre é verdade que Deus não dorme!...

Foi decerto preciso que Garrett tivesse tido o génio que teve; tivesse sido o poeta, o dramaturgo, o romancista, o parlamentar, o jornalista e o resistente que foi; e tivesse vivido a vida inteira em coerência com as suas próprias ideias e convicções, até ao sacrifício do que mais amava, para que os seus veniais pecadilhos fossem afinal sempre perdoados, quando não apoucados, levados enfim à conta do imenso crédito que acumulou na conta-corrente da história, à força de determinação e de talento.

Não terá tido, por certo, o carácter sólido e brônzeo de Alexandre Herculano. Mas não lhe faltou carácter. O seu contemporâneo D. João de Azevedo assim o descreve: «*talento monstro, reputação europeia, primeiro orador português, primeiro poeta peninsular e literato quase enciclopédico*». Este hetero-elogio goza tanto da presunção de ser sincero e justo, que provém de quem, do mesmo passo, o considerou «*o céptico mais desalmado que seguramente se tem sentado em cadeira de parlamento*». Mas o crítico recai em crise de admiração artística e intelectual quando remata: «*... efectivamente é gigante; e talvez precisara curvar-se para atravessar o Colosso de Rhodes*».

Eram, decerto, as suas fraquezas *lordbyroneanas* a estragar a pintura. Porque «*céptico*» e «*desalmado*» é que Garrett não foi! Pelo contrário: foi sempre firme na sua fé religiosa, patriota sem mácula e fiel à causa do liberalismo político e da democracia representativa. Amou como poucos a liberdade e lutou, inclusive de armas na mão, como simples soldado, pela emancipa-



Discurso do Sr. Deputado pela Terceira, J. B. de Almeida Garrett, na discussão da Resposta ao Discurso da Coroa, pronunciado na Sessão de 8 de Fevereiro de 1840. Lisboa, Imprensa Nacional, 1840. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.

ção da burguesia e do Povo. A sua vida e a sua obra são o testemunho disso. E bem se sabe que viveu por dentro o período politicamente mais descontínuo e instável da história política portuguesa. A sua obra – quantas vezes censurada, de autoria oculta ou representação proibida – tem a coerência de um hino aos ideais do vintismo e da liberdade.

E convenhamos: se a Garrett faltou alma, quem outra mais rica e sensível a teve? Não o considerou Ramalho «*um dos maiores poetas deste século*»? E pudesse acaso ser tão universalmente grande se a alma for pequena?

Digamos tudo: se Garrett foi um «*céptico desalmado*», quem escreveu por ele as *Folhas*

Caídas, o Frei Luís de Sousa e as Viagens na Minha Terra para só citar o principal? E quem, por amor do Povo, calcorreou o país em recolha dos 11 «rimances» populares, da mais tradicional e genuína poética portuguesa, hoje registada nesse admirável *Romanceiro* que figura entre as obras-primas, não só de Garrett, mas da literatura portuguesa, senão universal?

Mas, hoje e aqui, reveste-se de particular significado a dimensão parlamentar de Almeida Garrett, como Deputado e Par do Reino.

Falemos pois desse nosso talentoso *colega*. Já referi que Camilo o considerou o maior orador parlamentar de sempre. Essa opinião não é isolada. E é com frequência mantida

quando se o compara com esse outro gigante da oratória parlamentar que foi José Estevão de Magalhães, o «Cícero» de Aveiro. Com uma diferença: Garrett cuidava mais da forma, como grande escritor que era. E teve sobre José Estevão a vantagem de ter sido também um dos mais prolíferos e brilhantes legisladores, dentro e fora do Parlamento.

Antes mesmo de eleito Deputado, foi encarregado de redigir importantes textos legislativos – inclusive de valor constitucional – inspirados pela mística vintista e pela experiência revolucionária da Europa em ebulição. Mesmo Mouzinho da Silveira, que goza justamente da fama de primeiro legislador do liberalismo revolucionário, teve em Garrett um precioso colaborador, com a vantagem de este lhe aprimorar tecnicamente a linguagem jurídica, já que a sua não era propriamente famosa.

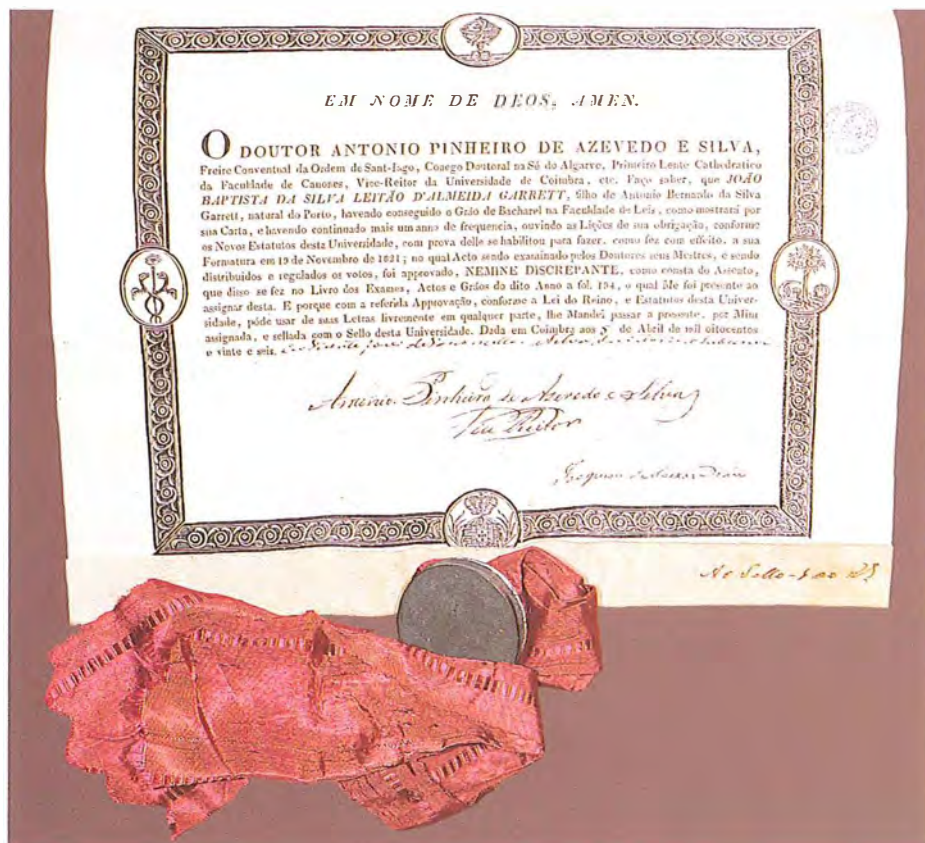
Dotado de voz bem timbrada, sempre teatral, como grande actor que foi; usando com mestria o gesto e colocando com propósito a voz; declamando com ritmo a frase; apoiado numa invulgar cultura; e temperado por uma riquíssima vivência, Garrett foi decerto – repito – o nosso mais talentoso parlamentar de sempre. Tão-só por esse atributo que, bem o sabemos, exige tanto para ser perfeito, bem se justifica esta sinceríssima homenagem.

Herculano que lhe conhecia a prontidão e a acidez da réplica, quando o Ministro Ávila atacou Garrett, fez famoso o seguinte aparte: «– Se lhe dão tempo para pensar, esmaga-os!».

Como de facto. Dias depois, Ávila era feito em estilhas, o que valeu a Garrett, a par de encómios pelo brilhantismo da resposta, a demissão de vários cargos, o que em muitas outras oportunidades lhe aconteceu.

Também Sotto Mayor, dirigindo-se a Garrett, então Ministro dos Negócios Estrangeiros, lhe atirou com esta: «– Pois o Ministro é tido como o primeiro e maior poeta da Península,

Diploma da Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, de 8 de Abril de 1826.
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
Fotografia de Isabel Rochinha.



e em vez de tratar de organizar a sua repartição, que acha mal organizada, trata cuidadosamente de se fazer Balio de Malta?». Logo José Estevão, em aparte que o relato da sessão regista: «– Cuidado com ele! Eu conheço-o; já lhe provei a mão! É temível!».

No dia seguinte, desfê-lo. Era Sotto Mayor, passou a Sotto apenas.

Passos Manuel chamou-lhe «pena de oiro». Foi decerto de oiro a sua pena, por mais que materialmente o não fosse. Tivemos, também nós, um «pena de oiro», o nosso querido e já saudoso Raul Rego. Não tão genial, decerto. Mas talentoso também. E sobretudo um carácter de eleição, impermeável às mundanais tentações, e insensível a vaidades e lisonjas.

Quanto a Garrett, melhor é escutá-lo que julgá-lo. Disse ele no célebre discurso do «Porto Pireu», em resposta a uma brilhante intervenção de José Estevão, que os arquivos desta Casa registam sob o mesmo título: «*O que hoje é classe média para o povo, foi ao princípio a aristocracia... Foi-lhe mister lutar com os reis; e o povo a ajudou; venceu e não tardou a abusar da vitória. De protectora e aliada tornou-se senhora; usurpou tudo, invadiu tudo, abusou de tudo. E o ciúme dos reis primeiro, e a inveja e o ódio dos povos depois, fez justiça ao usurpador. Caiu como nós havemos de cair; apedrejada da indignação popular; se não reflectirmos e nos não moderarmos a tempo. E mais fácil e mais pronto havemos de cair: Que a nossa oligarquia efémera é estátua de pés de barro; aquela tinha alicerces de ferro e sangue que iam até às entranhas do país. E caiu! O fanatismo religioso e os preconceitos antigos, e a memória dos serviços prestados, e o lustre das velhas prosápias, e a glória e a vaidade nacional, e a história cheia de seus nomes e que tudo rodeava de prestígios e de força, e de autoridade, a antiga aristocracia histórica.*

E caiu, e ela aí jaz por terra. Quando veio o dia grande e amargo, quando o povo se ergueu e

lhe pediu contas da sua usurpação, ela invocou todos esses prestígios, falou na religião, apelou para a história. E nada lhe valeu.

Nós, se com os nossos abusos trouxermos esse dia, se fizermos a loucura de tornar obnoxia ao povo a nossa classe que ele ainda ama, que invocaremos nós no dia em que nos pedirem contas? Falaremos na história? Mas nós ainda não a temos! Apelaremos para a gratidão dos serviços prestados? Mas quais fizemos nós, quais que a nosso prol não fossem?

Não podemos, digo, apelar para a gratidão dos povos porque ainda não fizemos nada a favor dos povos.

O povo trabalha e produz, a classe média adquire».

As actas registam débeis «apoiados» de alguns membros do congresso. Permitam-me que vos pergunte: hoje, aqui e agora, voltariam a ser débeis?

De um outro discurso, proferido já como Par do Reino, retiro o seguinte passo: «*A sociedade deve esforçar-se por fornecer trabalho ao que precisa de trabalhar para viver; a sociedade tem a obrigação de sustentar o que envelheceu e se impossibilitou ao serviço dela. Disse-o o Evangelho antes de o dizer o socialismo*».

Em resposta a um dos habituais discursos da Coroa, disse uma dia: «*Ordem... é o “fiat” da liberdade: a luz vai separar-se das trevas, o mal do bem, a monarquia do despotismo, a igualdade civil da demagogia, a religião do fanatismo; e a Liberdade criadora há-de olhar para a sua obra e ver que ela está boa... Em o Povo conhecendo bem a Liberdade, em o Povo ouvindo e conhecendo a ordem, há-de ver, há-de conhecer, que uma é impossível sem a outra*».

Quando preparava a minha tese sobre «Direitos de Autor», enquanto aluno do Curso Complementar de Ciências Jurídicas, deparei, naturalmente, com o famoso projecto de lei

Em 1829, D. Pedro, herdeiro do trono de Portugal, promulga a Carta Constitucional e abdica a favor da filha, D. Maria da Glória, o que permite a Almeida Garrett regressar do exílio em Inglaterra. Estampa da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.



sobre a propriedade literária, de que Garrett foi autor. E tomei conhecimento, deslumbrado, da polémica que, sobre esse projecto, travou com o grande Alexandre Herculano. Este, numa posição idealista, a recusar que os direitos dos autores sobre as suas obras pudessem ser qualificados como «uma propriedade como qualquer outra».

Impossível reproduzir aqui os argumentos e contra-argumentos desses dois gigantes. Mas recordo que Herculano acusava Garrett de «pendurar a ideia no mercado entre o barril de manteiga e a saca de algodão», enquanto que Garrett, mais realista, apesar de mais poeta, lhe retorquia que os escritores e os artistas tinham de almoçar todos os dias, como toda a gente.

Após uma por vezes áspera troca de mimos, que os deixou por largo tempo efectivamente frios, Garrett, implacável, acabaria por rematar

mais ou menos assim (cito de memória): «—Deixe-se você de fantasias! Com que é que comprou a quinta de Vale de Lobos? Não foi com os direitos de autor que os editores lhe pagaram?»

Segundo a minha tese, ambos tinham razão. O direito de autor é com efeito um direito *sui generis* revestido de uma dupla natureza material, nessa medida sendo um direito de propriedade como o entendeu Garrett; e intelectual ou moral, nesse aspecto revestindo as características de um direito imaterial, parente próximo dos direitos da personalidade, como pretendia Herculano.

Mal eu sabia então que viria a ter a possibilidade de determinar, como já determinei, a publicação em livro das intervenções parlamentares do grande Garrett. Compreendo muito mal que essa publicação, acessível a todos, não exista. Como não existe a divulgação das brilhantes intervenções de parlamentares como Fernandes Tomás, António Cândido, Alexandre Herculano, António José de Almeida, Cunha Leal e tantos outros. Tem sido negado aos portugueses um fácil acesso à história nobilitante do seu Parlamento. Vamos corrigir essa lacuna!

O próprio José Estevão, que com o brilho que ninguém lhe recusa fez questão em replicar ao discurso do «Porto Pireu» da autoria de Garrett, não terá atingido a altura daquela famosíssima oração.

Garrett foi por diversas vezes eleito Deputado, uma vez como único pela oposição, contra as maquinações dos empenhados em mantê-lo afastado de S. Bento. Só não conseguiu, com mágoa que nunca superou, ter sido eleito pelo Porto, sua terra natal.

Nessa época, os governos caíam frequentemente (um deles não chegou sequer ao terceiro dia) e as câmaras tinham também duração fugaz. Só o talento de Garrett lhe foi permitindo superar o empenhamento dos seus adversários em silenciá-lo.

► As *Folhas Caídas* publicaram-se primeiro num volume, que na segunda edição se reuniu às *Fábulas e Contos*. As provas de imprensa, sem nome de autor, estavam sobre o balcão da livraria Bertrand, quando ali entrou Alexandre Herculano. Já a este tempo os tinha desunido a questão da propriedade literária, e Herculano ignorava absolutamente que essas provas pertencessem a Garrett. Pegou nelas por curiosidade, dizendo: – Versos! Ainda há quem faça disto em Portugal?!

Abriu e folheou desdenhosamente.

Francisco Bertrand, o excelente e erudito velho, que todos conhecemos e estimamos, [...] sorria maliciosamente. Alexandre leu alguns versos, arregalou os olhos, sorveu com força a pitada que tinha entre os dedos, sentou-se melhor na cadeira, e tornando a ler outro pedaço, gritou, por não poder já conter aquela rude espontaneidade que realçava a grandeza do seu carácter:

– De quem diabo é isto?! Não há senão um homem em Portugal capaz de fazer tais versos! São do Garrett?!

– São, sim, senhor – respondeu com o seu modo amável o honrado Francisco.

Herculano percorreu todo o livrinho, isto é, devorou-o, manifestando o maior assombro.

– Que lhe parece? – interrogou Bertrand.

– Penso que se Camões fizesse versos de amor, na idade em que está Garrett, não era capaz de o igualar. São belíssimos! Aquele diabo não pode com o talento que Deus lhe deu! – E foi lendo, sempre com o mesmo entusiasmo. – Parece que tem vinte anos! Este livro fará com que se lhe perdoe tudo!...

F. Gomes de Amorim *Garrett. Memórias Biográficas*, tomo III, 1884, pp. 399-400.

Coube a Garrett viver num dos períodos de maior instabilidade política da nossa história. O vintismo libertário encontrou-o em Coimbra a escrever e a estudar direito. Ou leis como se dizia na época. Viveu com o entusiasmo da juventude essa aurora de liberdade. «*O entusiasmo da revolução de vinte* – escreveu a propósito – *que me apanhou em flagrante, rodeado de Enciclopedistas, de Rousseaus e de Voitaires, deitou a perder tudo... Atirei com o gorro por cima da ponte e fiz versos*». E acrescenta: «*Durou-me pouco a embriaguez desta primeira paixão; porque entrando cedo no mundo e nas cogitações políticas, o ócio das recreações literárias me enfadou logo*».

Mas estava escrito que havia de ser um dos gigantes da nossa literatura de sempre. Forçado a emigrar para Inglaterra em meados de 1823, após o golpe de estado absolutista de Vila Franca, viria, apesar das dificuldades económicas com que teve de lutar (chegou a empregar-se como escriturário), a encontrar disponibilidade de tempo e espírito para absorver a influência da nova vaga literária que varria a Europa, para se deixar inspirar pelos grandes sacerdotes dos novos credos – Byron e Scott, entre outros – e para retomar o gosto pela escrita. Assim nasceram o *Camões* e a *Dona Branca*, essas maravilhas fatais de todas as idades!

Autorizado a regressar, desde que declarasse por escrito «conformar-se com a ordem legitimamente estabelecida» (que pouco original foi Salazar!), recusou nobremente.

Mas, logo em Abril de 1826, D. Pedro, imperador do Brasil, herdeiro do trono de Portugal por morte de seu pai, promulga a Carta Constitucional e abdica do trono de Portugal a favor da filha D. Maria da Glória. Garrett regressa então a Lisboa e publica uma «Carta de Guia de Eleitores», que deve ter feito urticária ao absolutista D. Miguel. No vai e vem do poder que se seguiu, este desembarca em Lisboa em 1829 e Garrett

busca de novo o exílio. Seis meses depois, o Conde de Vila Flor, futuro Duque da Terceira, à frente das forças liberais, derrota os miguelistas e ocupa a Vila da Praia. Em Novembro de 1831, D. Pedro parte para a ilha Terceira. E Garrett alista-se como simples soldado nas suas forças. Nos Açores cai de amores por uns olhos negros de quinze anos de idade. Sempre igual a si próprio! A revolução e o amor nunca foram incompatíveis. Pelo menos para ele!...

Foi decerto inspirado neles que mais tarde confessou:

*Só negros negros os quero!
Que em lhes chegando a paixão,
Se uma vez disserem sim,
Nunca mais dizem que não!*

«Um fingidor»! Demais sabemos nós que os quis de todas as cores: negros, verdes, azuis e às riscas. O querer era sempre o mesmo. A cor dos olhos é que mudava!

O quê? Estão a dizer-me que não há olhos às riscas? Pois posso assegurar-vos que ele não deu conta disso!...

Dá-se o desembarque no Mindelo e a sequência é conhecida. Garrett voltará no entanto ao exílio, vítima de perseguições políticas, e regressa após a entrada triunfal em Lisboa do Duque da Terceira. Reocupa lugares de que tinha sido banido e é nomeado para outros. Entre eles, o de Secretário da Comissão da Reforma para a Instrução Pública, tendo desempenhado, como é sabido, um papel do maior relevo na reforma educativa do País. O seu texto *Da Educação* ainda hoje é de leitura obrigatória.

É então encarregado da sua primeira missão diplomática no exterior: encarregado de negócios junto do Rei dos Belgas.

Outras teria: embaixador, encarregado de negociar tratados, chegou naturalmente a ser

Ministro dos Negócios Estrangeiros. Sem significativo acréscimo de glória, diga-se em abono da verdade.

Entre as muitas tarefas de que foi incumbido – sobretudo depois de Sá da Bandeira ter reposto em vigor a Constituição de 1822 – figuram as ligadas à reforma do teatro, área em que tão particularmente se notabilizou, que a história o reconhece como fundador do Teatro Nacional. São da sua autoria um Plano de Criação de um Teatro Nacional, um Projecto de Criação da Inspecção-Geral dos Teatros e Espectáculos Nacionais, o Projecto da Criação do Teatro Nacional D. Maria II e a Criação de um Conservatório de Arte Dramática. Recusou por esse então uma pasta no Governo, bem como os lugares de Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça e de Presidente do Tribunal Superior de Comércio. Mas aceitou, modestamente, o lugar de vogal deste Tribunal, e o lugar – sempre a paixão pelo teatro – de Inspector dos Teatros e Espectáculos. Se a isto juntarmos o mérito excepcional das peças teatrais que escreveu – com destaque para o *Frei Luís de Sousa*, que António José Saraiva e Óscar Lopes rotulam de «obra solitária na literatura portuguesa» e no teatro romântico em geral; o *Alfageme de Santarém*, em que ataca a direita carlista; a *Sobrinha do Marquês*, imbuída de uma certa crítica anticlerical, e *Um Auto de Gil Vicente*, que marca o ressurgimento de um teatro verdadeiramente nacional – o teatro português foi ele. Ainda é!

Garrett, aliás, viveu o teatro com tão intensa paixão, que foi também e muitas vezes actor, encarnando a primor os seus próprios personagens.

Em tudo isso mecenaticamente ajudado pelo famoso Conde Farrobo, o que com o abundante e fácil dinheiro de África construiu o «petit Versailles», que pretendia ser o Palácio das Laranjeiras, e junto dele um famosíssimo teatro

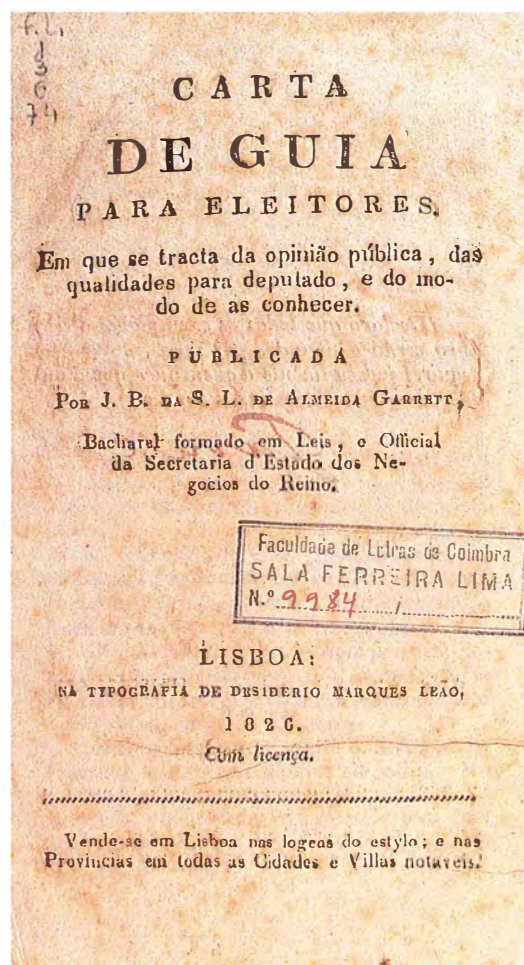
71

Acto Primeiro.

É no suburbio de Santarém, ditto A Ribeira.
A esquerda uma casa antiga, afilada, com vestígios de grandezza senhoria, mas muito arruinada, com escada de pedras esportadas, descoberta e practicavel, e collocada de modo que os actores, quando descem, ficam com a ~~cara~~ face para o espectador. No alto da escada, platão com parapeito, e cuberto com um frameiro. — A direita uma casa abanacada mas vasta e bem reparada em que estão os armazens e serrarias do Alfageme, cujas forjas accensas e trabalhando são visiveis para o espectador: a parte mais posterior da casa é mais antiga e acanhada, com vós suas janelinhas agudas e porta no meio. — No fundo Marvilhas ou parte alta de Santarém. — Em baixo corre o Tejo. — Da esquerda vem a estrada de Lisboa, pela direita se vá para Santarém. — No meio da scena, entre as duas casas alguma arvore. — É de hyverno. — A mesma vista em todos os actos.

Scena I

Carta de Guia para Eleitores. Lisboa, Tipografia de Desidério Marques Leão, 1826. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.



em que actuaram os melhores actores e as mais famosas divas do canto lírico desse tempo. Até que o fogo o destruiu. Farrobo representava também.

A nova revolução de Costa Cabral, de 1838, não afectou Garrett, que ajudou Cabral a restabelecer a ordem. Jurada um mês depois a Constituição de 1838, Garrett jurou-a a contragosto, dada a sua fidelidade à Carta. Isso não impediu que fosse incumbido de novos e importantes trabalhos, entre eles o de redigir o Código Administrativo. Sem esquecer o Teatro! Criou,

por essa altura, prémios do Conservatório para peças originais, fez votar um subsídio para o teatro português e tomou a iniciativa de constituir a «Sociedade de Autores».

Os golpes políticos não ficaram por aqui. Há a Maria da Fonte, a famosa Patuleia, durante a qual a guerra civil alastrou a quase todo o país; a Regeneração; Costa Cabral; os golpes e os caudilhos do costume. Tudo isso é conhecido.

Garrett, umas vezes na mó de cima, ajoujado de cargos e honrarias, outras na mó de baixo, disso de pronto despojado. Mas o que deixo dito serve para realçar que enfrentou sempre com total dignidade os azares da sorte. Sem se bandear. Sem se vender por favores de espécie nenhuma. A beleza e o mérito da sua obra literária não foram atraído, repito, pelo essencial do seu comportamento e do seu carácter. Aceitou sempre, sem vacilar, as maiores contrariedades; os exílios terão sido as menos duras. Chegou a receber ameaças de morte e de fogo posto na sua residência; sem lhe ter dado nenhum chelique.

Pelo contrário: por entre as árduas lutas e as importantes tarefas políticas de que foi incumbido, encontrou sempre ânimo para dar continuidade à exploração do filão inesgotável da sua criatividade artística. São do seu outono algumas das suas mais belas produções, como o *Arco de Sant'Ana* e esse fresco admirável e único que são as *Viagens da Minha Terra*. Mas sobretudo, como já disse, os poemas reunidos nesse livro imprevisível da sua vigésima quinta hora que são as *Folhas Caídas*. Garrett foi grande até ao fim. Poucos o são. E não apenas grande: Poeta até ao fim! Ele mesmo o disse, a propósito desse livro, «poeta na primavera, no estio, e no outono da vida, hei-de sê-lo no inverno, se lá chegar, e hei-de sê-lo em tudo».

A melhor homenagem que podemos prestar-lhe é reconhecer que com brilho singular o foi.